

RESENHA

Poesia na sala de aula, de Hélder Pinheiro (Coleção Estratégias de Ensino, 61). Parábola, 2018, 150 págs.

Henrique Eduardo de Sousa*

As relações entre literatura e ensino apresentam problemáticas as quais conformam um campo de investigação cada vez mais instigante e necessário. Instigante em razão de percebermos aspectos caracterizadores da transposição didática do texto literário. Sim, de fato, na cena pedagógica, o primado do texto literário deve ser considerado um princípio norteador básico. Dessa maneira, pensarmos a travessia do texto – da cultura para a sala de aula – gera uma potência criadora do professor, uma vez que ele terá que encontrar uma confluência entre o poético e o ensino/aprendizagem. Sobre a necessidade de investigarmos a presença da literatura na escola, o depoimento de T. Todorov (2009) confirma o que já intuíamos: a literatura está em perigo, sobretudo porque, na educação formal, a experiência da leitura literária está desaparecendo.

Nesta reedição de *Poesia na sala de aula*, do professor e pesquisador Hélder Pinheiro, a experiência da leitura literária na escola aparece de fato. Em um registro de mais de trinta anos de docência – ensino fundamental, ensino médio e ensino superior –, configurando um diário afetivo no qual a poesia e os seus desdobramentos múltiplos passam a significar o mundo e as vivências de certa comunidade (professor e alunos), o autor narra modos de ensinar literatura, precisamente, o poema.

Agora integrando a série Estratégias de Ensino, volume 61, da Parábola Editorial (SP), as memórias de sala de aula, as reflexões sistematizadas sobre a palavra poética em contexto de ensino e as descobertas inusitadas do cotidiano escolar da prática docente de Hélder Pinheiro encontra interlocutores mais amplos e precisos: os professores de Língua Portuguesa. Interlocutores ávidos que procuram caminhos seguros para dar conta de ensinar literatura. Com certeza, tal avidez ainda é mais progressiva diante daqueles conteúdos de ensino que causam temor: versos, rimas e imagens. Dessa maneira, a importância desta nova edição de *Poesia na sala de aula* está no compartilhamento de experiências pedagógicas que partem da matéria verbal, do texto e, como veremos, adentram corpo e voz dos alunos.

Assegurando o poder da poesia na sala de aula na educação básica – ensino fundamental e ensino médio – o autor esclarece o seu intento: "Trata-se de buscar uma prática que se define por oferecer textos que possibilitem uma convivência mais sensível com o outro, consigo mesmo, com os fatos do cotidiano, com a vida e com a linguagem." (PINHEIRO, 2018, p. 123).

* Professor doutor da área de Teoria da Literatura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. henriqueedu_sousa@hotmail.com

Nessa perspectiva, reconhecemos os componentes metodológicos do ensino de literatura, segundo Rouxel (2013a): a constituição do aluno sujeito leitor, a literatura ensinada (os textos) e a ação do professor, também, sujeito leitor. As articulações entre esses elementos materializam-se no livro de Hélder Pinheiro. Logo de início, observamos o cuidado em ouvir a voz do aluno, isto é, as possiblidades significativas do poema partem daquilo que chamaríamos "notas subjetivas de leitura", ou, segundo Hélder: "uma convivência mais sensível com a linguagem" (PINHEIRO, 2018, p.23). Tal encaminhamento faz acontecer a experiência significativa com a linguagem do poema, um saber que a escola precisa garantir. Para consecução desta experiência, a escolha dos textos a serem estudados e a recepção do aluno/leitor são disposições fundamentais. Por fim, a figura do professor empenhado, o sujeito que ama a literatura e elabora as mediações entre a expressão poética e o jeito de ser/estar dos alunos. Vejamos a seguir alguns momentos do livro.

Para a poesia acontecer na sala de aula

Em *condições (indispensáveis) para trabalhar com a poesia*, segundo capítulo do livro, o autor mostra elementos prévios responsáveis para uma prática educativa consequente. Primeiramente, o professor deverá ser um leitor de poemas, um profissional que possua repertório qualificado que envolva autores, textos e singularidades da linguagem poética. Além desse perfil, o professor deverá carregar afetos para a sala de aula. Segundo o autor: "Um professor que não seja capaz de se emocionar com uma imagem, com uma descrição, com o ritmo de um determinado poema, dificilmente revelará, na prática, que a poesia vale a pena(...)" (Ibidem, p. 22). Sem uma intervenção afetiva do professor mediante o poema, em todas as etapas de ensino, o texto literário poderá perder a força encantatória da palavra. A palavra sensível que emociona. Não se trata de forjar performances dramáticas de puro exibicionismo. Trata-se de uma convocação: o professor desvela o poema para o seu aluno.

A segunda condição indispensável refere-se ao universo cultural do aluno. Caberá ao professor buscar reconhecer os interesses diversos dos alunos para além do espaço escolar. Dessa forma, por meio de pesquisas, o professor poderá desenvolver uma escolha de poemas que atenda às perspectivas dos alunos. Noutras palavras, o autor sugere que o ensino do texto poético tenha como horizonte as práticas leitoras dos alunos, não apenas aquelas veiculas pelo texto verbal, mas outras – cinema, televisão. Acreditamos que esse direcionamento configura um contraponto relevante entre o texto escolar, já previamente agenciado pelo processo da escolarização, e o texto do aluno, originário de suas escolhas como sujeito. Nesses termos, o que devemos considerar como indispensável para formação de leitores literários? Não precisaríamos de reflexões infindas sobre tal pergunta. Por exemplo, basta o olhar atento para o modelo cristalizado da abordagem da literatura no ensino médio brasileiro: uma listagem canônica de obras que parece nada significar para os alunos. Isso posto, o inventário dos interesses dos alunos é um recurso por demais legítimo.

Para a poesia acontecer na sala de aula, professor e alunos necessitam de um ambiente favorável, no dizer de Hélder: "(...) criar condições de leitura (...) uma política que priorize a educação – tanto das secretárias de educação quanto da direção da escola e da prática cotidiana dos professores." (Ibidem, p. 27). Estas condições de leitura envolvem uma disposição mais abrangente, desde transformar a escola em um espaço poético (ir ao pátio da escola para leitura de poemas e/ou organizar murais de poesia) até o uso efetivo de bibliotecas.

CC BY

O prazer do poema

Na introdução, o autor adverte: "Este livro mantém, ao mesmo tempo, um caráter de relato de viagem e de sugestões – direta ou indiretamente – de abordagem do poema no contexto escolar." (Ibidem, p.8). Com efeito, o livro apresenta vastas possibilidades de diálogo entre o poema e o leitor. Tudo sempre objetivando à formação de leitores por meio de uma relação prazerosa com a linguagem do poema. Mais recentemente, tal encaminhamento fomenta pesquisas sobre didática da literatura pautadas na valorização da leitura subjetiva do aluno, isto é, "É necessário, pois, junto aos atuais alunos, incentivar as abordagens sensíveis das obras, estar atento para sua recepção ou para o que manifestarem sobre sua experiência estética". (ROUXEL, 2013, b, p. 207).

Sabemos que as abordagens sensíveis da obra literária quase nunca fazem parte dos objetivos do ensino de literatura. Talvez apareçam protocoladas nos documentos, nos projetos pedagógicos, nas diretrizes educacionais. Todavia, nas práticas do letramento literário na escola, o prazer do poema fica à margem. De maneira geral, entre o texto e o aluno, existe a voz institucional do professor que valida (dilui!) as leituras de leitores especializados – a crítica literária – e mostra em sala de aula o poema já pronto e acabado. Dessa maneira, não podemos pensar leitura, formação de leitor tampouco educação literária. Apesar do quadro nada animador exposto acima – naturalmente, a questão envolve sistematizações teóricas e metodológicas mais acuradas, o que escapa o objetivo deste texto, há fissuras, outros percursos, outros modos de ensinar o poema.

O poema na sala de aula: voz, corpo, sensibilidades e linguagens

Depois das considerações sobre os aspectos que devem ser pensados para a abordagem do texto literário na escola, Hélder Pinheiro relata experiências desenvolvidas com o poema em sala de aula. Vale pontuar que tais experiências sempre aparecem direcionadas sob a dimensão do planejamento pedagógico, da prerrogativa da leitura sensível e do debate em torno das atividades. Torna-se importante ressaltar que, na totalidade de *Poesia na sala de aula*, o poema deixa de ser mero suplemento de saberes outros (da língua, da historiografia literária, da cultura, das sociedades) e passa a protagonizar uma forma de conhecimento específico que necessita do leitor para fundação de um saber tramado pela linguagem poética, pela poesia.

As atividades apresentadas realçam a voz dos alunos (na leitura oral de poemas em sala de aula), apontam para as manifestações corporais (nas pequenas montagens a partir dos poemas) e articulam elementos conteudísticos (na organização de antologias e na proposição de núcleos temáticos). Devemos citar também as atividades baseadas no jogo dramático que, segundo o professor, "(...) possibilita um relacionamento com o mundo concreto e com o mundo interior. Aqui, o fluxo da linguagem criativa não se prende a barreiras racionais; antes, entrega-se a um processo de experimentação, de criação constante e coletiva." (PINHEIRO, 2018, p. 89).

Para o leitor, estamos vislumbrando o professor de Língua Portuguesa da educação básica, acompanhar o processo de realização dessas atividades estimula a elaboração de suas próprias atividades.

Literatura popular e literatura juvenil

A escolha de textos literários que não fazem parte da tradição canônica para o contexto de ensino ainda merece reflexão. Nos capítulos *Literatura de cordel* e *Poesia para jovens leitores*, o ensino de "outras" literaturas para "outros" leitores está presente. Em primeiro lugar, de fato, por exemplo, a literatura de cordel está na sala de aula, seja por iniciativas individuais, seja por projetos pedagógicos localizados, o registro popular das expressões literárias ocupa um lugar de ensino, conforme atesta o depoimento de Hélder Pinheiro. Em segunda lugar, a literatura juvenil arrebata cada vez mais leitores e, com isso, faz emergir uma agenda cotidiana de questões que dizem respeito à importância da literatura em sala de aula.

Sobre a literatura de cordel como objeto de ensino, em trabalho específico relativo ao tema, Pinheiro e Lúcio (2001) advertem:

> Uma prática pedagógica que lança mão da literatura de cordel apenas como fonte de informação (as famosas 'pesquisas' sobre fatos históricos, sobre determinados personagens – Getúlio Vargas, Padre Cícero etc -, sobre fatos da linguagem), que retoma esta produção cultural apenas como *objeto* de observação parece-me inadequada para a sala de aula – sobretudo para o ensino fundamental. Ela não consegue oportunizar um encontro com a experiência cultural que está ali representada e, de certo modo, como que esvazia o objeto estético. (PINHEIRO; LÚCIO, 2001, p.80-81).

Vale a pena comentarmos a experiência narrada por Hélder quando do trabalho com o texto de cordel *As proezas de João Grilo*, de João Ferreira de Lima e João Martins de Athayde. O professor entrega o texto e solicita a leitura individual dos alunos. Durante a leitura, o riso toma conta da sala de aula. Depois, o professor faz uma leitura do texto e tenta recriar o ritmo dos poetas populares. Para surpresa e encantamento do professor, os alunos queriam cantar...e, na cena de aula, todos começam a cantar. No intervalo, as proezas de João Grilo se espalham pela escola. Passados alguns dias, um grupo de alunos já com um violão debaixo do braço "convoca" o professor para, juntos, cantarem o fragmento utilizado como conteúdo de ensino em sala de aula.

Como podemos constatar, o encontro com a experiência cultural proveniente do objeto estético da cultura popular manifestou, no contexto de ensino, atitudes, gestos, ações que fizeram vibrar a poesia do texto: no riso, no canto, na constituição de uma comunidade – professor e alunos.

Em relação à poesia para jovens leitores, o autor faz a seguinte ponderação:

> (...) não há propriamente uma poesia para jovens. E, dos livros que têm surgido procurando ocupar este espaço, poucos conseguem se sustentar do ponto de vista estético. Tendem ao lugar-comum, à facilitação de linguagem e, sobretudo, à padronização de certos modelos e atitudes disseminados como típicos do jovem. O que queremos dizer é que não há livros de poemas para jovens em quantidade e qualidade, por exemplo, comparáveis à poesia para criança, por outro, isso não nos parece um problema insolúvel. (PINHEIRO, 2018, p. 117)

Tal ponderação preenche aquela agenda cotidiana referida anteriormente. A poesia para jovens leitores atualiza questões pertinentes à literatura infantojuvenil, gênero ainda polêmico – fizemos aqui uma intervenção no título da coletânea de artigos

CC BY

Literatura infantojuvenil: um gênero polêmico, organizada por Sonia Salomão Khéde, para editora Mercado Aberto, nos anos 80, do século passado. A literatura infantojuvenil ainda é polêmica por várias razões, a saber: a) põe em evidência o leitor, discutindo endereçamentos etários, acessibilidades de linguagem e modos de recepção; b) amplia as reflexões sobre o campo literário, uma vez que problematiza, além do cânone, as injunções mercadológicas que entornam a produção e circulação dos textos; e c) fomenta o debate em torno da educação literária. Em sala de aula, conforme aponta Hélder, o exercício da leitura do poema sempre deverá ser um procedimento metodológico instaurador da essencialidade do discurso literário para o jovem leitor.

As listas

Por fim, inspirados em *A vertigem das listas* (2010), de Umberto Eco, resolvemos identificar as listas de Hélder Pinheiro no livro que ora comentamos:

- Atores lendo poemas;
- Antologia de poemas da coleção *Literatura em minha casa*;
- Poemas musicados;
- Antologias de literatura de cordel;
- Blocos temáticos sobre a abordagem da literatura de cordel;
- Antologias de poemas (coleções);
- Antologias de poemas (volume único);
- Livros de poemas;
- Bibliografia comentada; e
- Referências bibliográficas.

Essas listas de caráter didático enumeram diversas fontes de pesquisa – materiais para serem usados em sala de aula, antologias de textos, bibliografias comentadas. Como procedimento textual, elas percorrem o texto de Hélder Pinheiro e revelam os caminhos do professor e do pesquisador que entre nós se destaca em razão da vasta produção acadêmica sobre a prática educativa em torno do poema, gênero raro.

Por isso, a leitura de *Poesia na sala de aula* – livro seminal – deve fazer parte do cabedal de referências do professor de Língua Portuguesa, um recurso qualificado para o planejamento e a execução da aula de literatura.

Referências

ECO, Umberto. **A vertigem das listas**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2010.

KHEDÉ, Sonia Salomão (Org.). **Literatura infanto-juvenil**: um gênero polêmico. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986. (Novas perspectivas, 18).

PINHEIRO, Hélder; LÚCIO, Ana Cristina Marinho. **Cordel na sala de aula**. São Paulo: Duas Cidades, 2001. (Literatura e ensino, 2).

ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino de literatura. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide de Luzia; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013a, p. 16-33. (Estratégias de ensino, 39).

_____. O advento dos leitores reais. In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide de Luzia (Orgs.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. Tradutores Amaury C. Moraes *et al*. São Paulo: Alameda, 2013b, p.191-208.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

Recebido em 25 de outubro de 2018

Aceito em 15 de novembro de 2018